

LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA JOSÉ SOARES DE CARVALHO: O OLHAR DOS ALUNOS

SILVA, Jobson Soares da¹ - UEPB
ALVES, Elaine Carla Martins² - UEPB
JUSTO, Maria das Dores³ - UEPB
Subprojeto Língua Portuguesa

Resumo

Sabemos da ineficácia de alguns métodos propostos por alguns professores, a partir de várias discussões acerca desse paradoxo, objetivamos propor novas abordagens de ensino baseadas nas respostas dos alunos do ensino médio em relação à Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho no sentido físico e principalmente no que se refere ao ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa da referida escola. Usamos como fonte de pesquisa um questionário em que os alunos expõem opiniões sobre o ensino dessa escola e em particular a língua portuguesa que é o nosso objeto da pesquisa. Fizemos também a leitura dos PCN's e observamos ainda o resultado do SAEB para podermos sugerir essas novas abordagens, além de Antunes (2006). Sabemos que o ensino de LP vem exigindo a cada dia uma mudança nas práticas em sala de aula, pois o professor precisa mudar o seu perfil tornando-se assim, um profissional que questione e reflita sobre o que pode ser adotado nas aulas, para que as mesmas se tornem mais atraentes e desenvolva dessa forma a capacidade comunicativa do nosso aluno, dando-lhe segurança para que possa interagir adequadamente nas mais variadas situações sociais de sua vida. Apesar das novas tecnologias estarem por toda parte, as mudanças e os PCN's mostraram novas abordagens de ensino aprendizagem muitos professores ainda não utilizam com eficácia esses meios. Afinal, qual é o papel do professor de língua? O quê e como deve trabalhar na aula de português? Partindo desses questionamentos deve-se adotar o texto, e os gêneros textuais sob uma perspectiva mais ampla de ação e circulação, como objeto de ensino e de análise. Criar também diferentes estratégias de leitura e de oralidade.

Palavras-chave: Ensino; Pesquisa; Novas abordagens; Leitura.

¹ Graduando em Letras. Aluno bolsista Pibid – Subprojeto Língua Portuguesa. E-mail: Jobsonsoares@live.com

² Graduada em Letras. Ex-bolsista Pibid – Subprojeto Língua Portuguesa. E-mail: Elaine.phn@hotmail.com

³ Professora Supervisora do Subprojeto Língua Portuguesa na Escola Estadual Prof. Jose Soares de Carvalho – Guarabira-PB

1 - INTRODUÇÃO

O ensino de LP na escola vem a cada dia exigindo uma mudança urgente na forma de se ensinar, pois esse contexto pede uma postura diferente do professor que deve criar condições para que ele seja aprendido. É necessário que a escola ensine ao aluno o dialeto padrão porque muitas vezes esses alunos só tem contato com esse dialeto na instituição, mas conhecem e usam dialetos não padrões que é mais aceito por eles. É bastante comum encontrar professores que afirmam que os seus alunos não aprendem o dialeto padrão devido à complexidade da língua, mas segundo Sírío Possenti:

Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. As razões pelas quais não se aprende, ou se aprende, mas não se usa um dialeto padrão, são de outra ordem, e têm a ver em grande parte com os valores sociais dominantes e um pouco com estratégias escolares discutíveis. (Possenti, p.17).

Concordamos com Possenti, quando ele diz que o educando que não aprende o dialeto, não é pela complexidade e sim por outros fatores que iremos apresentar no texto. Pois sabemos que esses alunos são oriundos na maioria das vezes de classes populares que já falam e conhecem o seu dialeto não padrão, mas que isso não lhes tira o direito de conhecer a norma padrão essa que é conhecida como a língua de prestígio que segundo Travaglia *ela tem uma relação direta com a qualidade de vida*. Isso nos causa um certo estranhamento porque nesse caso estaria sendo imposta um valor social e também cultural a um grupo e que isso poderia ser visto como uma violência a quem já domina a linguagem. Vejamos o que diz Travaglia:

Em primeiro lugar, deve-se lembrar que a linguagem dá forma a nosso mundo e a nossa vida sociocultural e ao mesmo tempo reflete como e por que as pessoas de uma sociedade e cultura se relacionam, como veem o mundo etc. Isto quer dizer que aquilo em que acreditamos, o que aceitamos, o que recusamos, nossos preconceitos, nossos sonhos, ideais e ideias, nossas relações, o que vemos ou deixamos de ver em nosso mundo empírico e social etc. é tudo informado pela linguagem, sobretudo pela língua, ao mesmo tempo que tudo isto também dá forma à língua, atuando na constituição de suas regularidades que permitem a comunicação. (p.14).

Sendo assim há uma necessidade de ensinarmos esse dialeto padrão para que os nossos alunos consigam se mover adequadamente nessa sociedade e que compreendam o verdadeiro sentido e direção do dizer.

Para Travaglia:

Entender gramática como uma teoria, constituída, como por exemplo: a) por um conjunto de classificações de unidades linguísticas e de funções que estas podem exercer na cadeia linguística; b) pela explicitação de relações possíveis entre vários tipos de unidades e de mecanismos de funcionamento da língua e coisas semelhantes. O que melhoraria a vida de uma pessoa saber dizer qual é o objeto direto, o sujeito de uma frase, dizer se uma palavra é verbo ou substantivo ou pronome? Parece-nos que em nada. Isto serve, quando muito para um sucesso na avaliação escolar ou para aqueles que têm profissões ligadas à análise da língua. (p.15).

Precisamos ver a gramática não como uma teoria linguística, e sim como um *conjunto de conhecimentos linguísticos* que o usuário da língua tem internalizado para interagir em contextos de comunicação convenientes.

2.1 - TEORIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NOS PCN'S

Ao iniciarmos essa discussão precisamos fazer um recorte para poder apresentar esse estudo a partir de 2006, ou seja, OCEM, que trata de (Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais) e também nos livros didáticos. De acordo com os PCNS, os conhecimentos básicos da LP foram adquiridos pelos alunos no Ensino Fundamental, cabendo ao Ensino Médio apenas o aprimoramento de tais conhecimentos. Sendo necessária aquisição de competências interativas, textuais e gramaticais da língua. Entende-se por competências, desde o desenvolvimento do potencial crítico, da capacidade leitora em diferentes situações do uso da língua. De acordo com a OCEM (2006, p. 27), a disciplina Língua Portuguesa tem o papel de possibilitar, por procedimentos sistemáticos, o desenvolvimento das ações de produção de linguagem em diferentes situações de interação e abordagens interdisciplinares. Podemos observar nesse exposto acima os diversos contextos a serem trabalhados com o aluno do ensino médio. Segundo a OCEM (2006 p.18):

O processo de ensino e de aprendizagem deve levar o aluno à construção gradativa de saberes sobre os textos que circulam socialmente, recorrendo a diferentes universos semióticos, pode-se dizer que as ações realizadas na disciplina Língua Portuguesa, no contexto do ensino médio, devem propiciar ao aluno o refinamento de habilidades de leitura e de escrita, de fala e de escuta.

Outro ponto que observamos nesse documento é a valorização do texto como ponto de partida para o ensino da linguagem. Vejamos:

O texto passa a ser visto como uma totalidade que só alcança esse status por um trabalho conjunto de construção de sentidos, no qual se engajam produtor e receptor. Ressalte-se, aliás, que essa nova perspectiva passa a ser essencial para o amplo desenvolvimento dos estudos dos gêneros discursivos no momento atual. (OCEM, p.21)

2.2 - A LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS PRÁTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR.

Apesar de ter ocorrido nos últimos anos inúmeras discussões acerca de como se deve ensinar LP nas escolas, além de documentos com orientações, programas de avaliações, desde a Prova Brasil, SAEB, ENEM e ainda Olimpíadas de Língua Portuguesa e tantas outras exigências, ainda assim encontramos na sua grande maioria professores com as velhas práticas de ensino. Com a visão tradicional que o ensino de LP deve se reduzir à assimilação da gramática normativa e sua nomenclatura. Observaremos o que diz Irandé, no que ela intitula- *Num olhar de relance* (2009, p.24):

Sem perder de vista que muito empenho vem sendo demonstrado (e com alguns resultados evidentes e louváveis) no sentido de deixar a escola em condições de mais qualidade e maiores êxitos, me parece útil, ainda, começar por referir algumas constatações menos positivas, acerca de como acontece à atividade pedagógica de ensino de português (às vezes, preferia não ter visto...!). Vou fixar-me, como disse, em quatro campos: o da oralidade, o da escrita, o da leitura e o da gramática.

É comum depararmos com professores que reclamam que os seus alunos não gostam de ler e nem também escreve nada que se aproveite, porém, eles próprios não têm o hábito dessa prática. Irandé (2009, p.24 – 31) nos fala de como é desenvolvido o trabalho com a língua em sala de aula desde a oralidade, escrita, leitura e com a gramática de forma que ela *preferia não ter visto*:

No trabalho com a oralidade – uma quase omissão da fala;
Com a escrita há uma prática mecânica e periférica;
Na leitura desenvolve-se de forma centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita;
Na gramática é constatada uma gramática descontextualizada, fragmentada, de frases inventadas.

Outro ponto que nos deixa bastante preocupados, além da falta de leitura dos professores no que se refere à variedade de gêneros que circulam no cotidiano deles e que os

mesmos muitas vezes nem leem o manual do professor, ainda tem um agravante, que é a não leitura de alguns referenciais teóricos. Sobre esse ponto Irandé (2009, p. 40):

Parece que são meio descrentes da teoria. “Queremos prática”, costumam dizer. Esta afirmação pode significar um certo ceticismo ou um descontentamento com explicações teóricas que lhes chegam nos eventuais encontros ou “treinamentos”. Nesse caso, os professores podem ter razão, principalmente, se a teoria que estudaram não ajudou a tornar a atividade pedagógica mais produtiva, mais relevante e significativa.

Pode ser esse o motivo, mas ainda segundo Irandé (2009, p. 40):

Esse desinteresse pela teoria pode significar também uma incompreensão do que seja “teoria” e “prática”, de como uma e outra se interdependem ou se alimentam mutuamente. Como pode significar ainda uma certa acomodação dos professores, que, passivamente, esperam que alguém venha dizer a eles o que fazer e como fazer, dispensando-os, assim, do trabalho constante de estudar, de “estar atentos”, de pesquisar, de avaliar; de criar, de inventar e reinventar sua prática, o que naturalmente supõe fundamentação teórica, ampla, consistente e relevante.

3 - O ENSINO DE LP NA VISÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR JOSE SOARES DE CARVALHO.

3.1. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, que está situada na rua: Henrique Pacífico. Está responsável pela mesma a gestora escolar Alcineide Evaristo de Sousa, a mesma graduada e especialista na área de Letras e como gestora escolar adjunta Isineide Lira Amorim, a mesma tem formação superior em Letras com habilitação Português/Inglês e especialização em Didática de Ensino. Sendo a gestora adjunta que estava na escola no turno das observações das aulas. A escola oferece 19 salas de aula, 1 laboratório de informática, 1 laboratório de ciências, 1 biblioteca, 1 sala de vídeo, 1 arquivo, 1 ginásio poliesportivo ao lado da escola e agora um sistema de câmeras de vídeo que observa os banheiros (parte das pias), algumas salas de aula, o auditório, a cozinha e a secretaria da escola.

O corpo docente é composto de 85 professores, sendo esses com uma média de idade de 22 a 50 anos, todos com curso superior e pós-graduação, a maioria do sexo feminino,

sendo considerado de estarem encaixados na classe média. Há no corpo pedagógico dois coordenadores pedagógicos: Ronaldo e Ana Cláudia e 45 funcionários com média de idades de 20 a 50 anos, a maioria com ensino médio e estando encaixada na classe média baixa, a mesma com a maioria do sexo feminino.

Tendo uma clientela de 2.200 alunos sendo a maioria do sexo feminino, com uma média de idade de 10 a 20 anos, nas séries do ensino fundamental II (6º ano) e ensino médio (3º ano), estando na classe média baixa.

3.2. INSTRUMENTOS E MÉTODOS DA ESCOLA

A escola estadual Professor José Soares de Carvalho, segundo a opinião dos alunos do ensino médio, ainda existe muitos professores que matem os mesmos instrumentos de aula e os mesmos métodos de ensino desde os primeiros anos que começou a lecionar. Sabendo que nos dias atuais é necessário que os professores inovem os seus métodos e instrumentos de ensino, já que os alunos estão atualizados com as com as novas tecnologias. Ainda, segundo o questionário respondido pelos alunos as aulas são chatas, enfadonhas e de decoreba, pois alguns professores não se interessam em melhorar suas aulas para chamar a atenção dos alunos e assim ficam sem nenhum interesse em assistir as aulas, já que suas mentes estão ligadas no mundo tecnológico e as aulas de alguns professores iguais de aula de 20 anos atrás.

Boa parte dos professores da escola estadual Professor José Soares de Carvalho precisam melhorar seus instrumentos e seus métodos para que haja um melhor entrosamento de professor com o aluno e assim haver realmente o ensino-aprendizagem na escola citada.

3.3. APRESENTAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA.

Com a pesquisa bibliográfica e exploratória feita (entrevista informal feita com 10 alunos de Ensino Médio) na escola Jose Soares de Carvalho. Podemos perceber e ao mesmo tempo saber, que na sua grande maioria de público feminino. É com quase todos com idade superior a 15 anos, e poucos abaixo disso, ou seja, possui um público jovem com poucas crianças no Ensino Médio. A origem desses alunos se concentra mais da zona urbana, e cerca de 40% vem da zona rural. Como a pesquisa foi feita de forma aleatória então ficou dividido as turmas, contendo alunos de todas as séries do ensino médio com números iguais.

A disciplina que eles mais gostam, ou, a que eles mais discutem é história que ficou a frente de português e matemática. Sobre a disciplina que eles menos gostam de estudar ficou muito diversificado, quase todas as disciplinas foram escolhidas, visto que cada um possui uma ideia do que gostam. Quando se foi perguntado sobre o conteúdo de LP que eles mais

gostam em sala de aula, em primeiríssimo lugar ficou leitura e interpretação de textos, ficando um pouco atrás os assuntos gramaticais e literários. Sobre os conteúdos que ele menos gosta, os alunos falaram que são os gramaticais, os de leituras e literários ficaram bem atrás. Sobre os conteúdos gramaticais mais estudados em sala de aula, eles responderam que foram os verbos. E sobre o que acham mais importantes na sala de aula eles responderam leitura, interpretação de textos e literários. Com relação aos conteúdos mais difíceis eles responderam literatura e orações subordinadas. Sobre a pergunta de quem ler pouco ou muito, ficou dividido, mais a maioria respondeu que ler muito. E sobre o que ler, eles disseram que são romances, revistas, textos da internet. E sobre o local que mais realiza as leituras todos responderam que é em casa o local predileto. Segundo eles o tipo de texto mais lido na sala são os textos literários. E sobre o gênero textual que eles gostariam que fossem lidos na sala de aula, eles preferiram o gênero Romance. Todos gostam de escrever mais a maioria escreve pouco.

Sobre o que eles mais escrevem quase todos responderam contos. As cartas e as crônicas ficaram atrás. O espaço que eles mais escrevem ficou dividido entre em casa e na escola. A estratégia de aula de língua portuguesa que eles mais gostam é quando o professor discute o livro didático. Mais alguns deles também gostam quando o professora trás coisas novas para sala de aula. Os exemplos de filmes, discussões; entre outros. A maior dificuldade deles em aprender língua portuguesa se concentra na gramática. Quase todos responderam que os conteúdos da escola ajuda o aluno fora dela. O que eles mais gostam de fazer na escola é quando o professor dialoga com o aluno, trazendo discussões sobre determinados assuntos. E na grande maioria disseram que tem uma ótima relação com o professor. A grande maioria deles gosta de conversar em sala de aula. As atitudes de um professor que eles mais gostam são, quando o professor explica bem o assunto. E as atitudes que eles não gostam são o mau humor do professor e quando ele desestimula o aluno. Segundo eles as qualidades de professor é ser companheiro e ser atencioso com o aluno ensinado bem.

Eles responderam que contribuem na sala de aula ficando em silencio e fazendo as atividades quando necessário além de debater em sala de aula. Cerca de 50% deles estudam fora da escola. E que todos pretendem fazer vestibular.

3.4. DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA.

Podemos perceber os alunos da escola Estadual Jose Soares de Carvalho. É bastante diversificado, entre gênero masculino e feminino e além de muitos morarem na zona urbana. Mais partindo desse princípio poderemos observar na pesquisa, que a disciplina que eles mais gostam de estudar é história visto nessa disciplina possuem um pouco mais de argumentação e

discussão em sala de aula, é isso que deveria ter em todas as disciplinas não só em português. As discussões por sua vez promove a escrita dos alunos, por meio de leituras. Como afirma Antunes (2003, p. 48).

A escrita varia, na sua forma, em decorrência das diferenças de função que se propõe cumprir e, conseqüentemente, em decorrência dos diferentes gêneros em que se realiza. [...] a escrita, na diversidade de seus usos, cumpre funções comunicativas socialmente específicas e relevantes.

A disciplina que eles menos gostam ficou muito diversificada, e sobre o porquê não gostam, por exemplo, de matemática é por que os conteúdos em si não são bem aplicados em sala de aula. Os conteúdos de português de leitura e interpretação de textos estão entre o que ele mais gosta isso por que eles preferem aulas discursivas, nada de trabalhar só com uma coisa só. Segundo eles o texto literário é prazeroso e são de fundamental importância para estimular a leitura. E promove várias discussões, enquanto a gramática segundo eles ajudam no desenvolvimento da fala. A leitura auxilia o aluno a ter um melhor tanto na escrita como no desenvolvimento escolar. Como afirma Antunes, (2003, p.77).

A leitura envolve diferentes processos e estratégias de realização da dependência de diferentes condições do texto e das funções pretendidas com a leitura. [...] a leitura depende não apenas do contexto linguístico do texto, mas também do contexto extralinguístico de sua produção e circulação.

Na aula de português os conteúdos que eles menos gostam são os gramaticais, que na verdade é ensinado de forma errada, o professor não se desata do modelo tradicional, visando o ensino da gramática descontextualizada. O aluno sente dificuldade em saber gramática prefere ler e interpretar textos, visto que assim ele se sente melhor até mesmo para debater em sala de aula. O ensino tradicional prende o aluno, o professor não sabe lidar com essas “regrinhas” que a gramática propõe. O ensino de LP precisa sair desse modelo tradicional. Como afirma Antunes, (2003, p. 88).

A questão maior não é ensinar ou não gramática. Por sinal, essa nem é uma questão, uma vez que não se pode falar em escrever sem gramática. A questão maior é discernir sobre o objeto de ensino: as regras mais (mais precisamente: as regularidades) de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos.

Segundo a pesquisa, os conteúdos gramaticais e literários mais estudados por eles são verbos e o modernismo. Que na verdade deveria ser de forma contextualizada, utilizando-se dos textos literários para explorar conteúdos gramaticais. Os conteúdos de LP mais importante são interpretação de textos para aprender na sala de aula, segundo os alunos. Eles também disseram que literatura também é importante. Isso fica claro que eles preferem o mais certo, aquilo que os professores deveriam trabalhar mais em sala, a gramática contextualizada.

Sobre conteúdo difícil, todo e qualquer conteúdo fica difícil quando o professor não sabe repassar para o aluno. Não sabe utilizar-se de meios para melhorar a aula de LP. A grande maioria deles gosta de ler e escrever em casa ou fora da escola, isso mostra que o aluno, ou pelo menos, um público maior deles estão interessados em querer o melhor para si, mais o professor precisa contribuir com isso não desestimulando o mesmo. Esse é um problema que eles falam frequentemente. Eles gostam de ler, mais preferem ler o livro didático, textos literários, romances e letras de canções. Os textos da internet estão bem presentes na vida deles, mais eles só pesquisam quando se sentem obrigado pelo professor. Os lugares mais utilizados por eles para leitura é em casa. E os textos mais lidos de português em sala de aula, são os romances, as fábulas, contos de aventuras.

Todos eles gostam de escrever, mais que ao mesmo tempo escrevem poucos. Dentre as coisas que eles mais escrevem são contos, crônicas e cartas. O aluno precisa tomar gosto pela escrita tanto na escola como em casa não levando os estudos apenas na escola, mas sim em casa também. Nas estratégias do professor que o aluno mais gosta, podemos perceber o quão estão presentes as opiniões de todos, mais mesmo assim podemos ver que o professor está muito apegado ao livro didático, isso é bom. Mais ele precisa modificar mais a aula com coisa nova. Um exemplo que está presente na pesquisa são filmes que podem ser discutidos em sala de aula. Produções em equipe sobre determinado meio literário, ou até mesmo da sociedade. A maior dificuldade é a gramática, com isso objetivamos o uso de uma gramática contextualizada, deixando o ensino tradicional para trás, isso faz o aluno não gostar do ensino de LP. Outra questão bastante pertinente que os alunos têm dificuldade é a leitura e a escrita, ambas estão agregadas. Quem ler bem escreve bem. Com isso objetivamos propostas para melhorar essa situação. Os conteúdo da escola ajuda o aluno fora da escola, ajudando-o no melhor desenvolvimento fora dela, como a própria fala e comunicação. Todo ensino deve ser gramatical contextualizado, saber gramática é saber lidar com acordos e concordâncias textuais. Como afirma Antunes, (2002, p. 130).

A atividade verbal, na sua dupla modalidade de fala e escrita, implica necessariamente o saber gramatical. Ou seja, toda atividade se realiza a partir de padrões estabelecidos por uma gramática, mesmo que os usuários da língua por acaso, não tenham conhecimento explícito das regras que utilizam.

O que o aluno mais gosta de fazer em sala de aula. Há uma grande diversidade, como podemos ver os alunos preferem uma variedade de coisas. Mais na verdade eles preferem dialogar com o professor. Alguns gostam de ler durante a aula, isso é bom. A relação de aluno/professor em sala de aula é ótima segundo a pesquisa. Isso mostra que o professor de certa forma contribui com o aluno. De certa forma, o aluno gosta muito de conversar muito em sala de aula, mais nem sempre se trata de assunto pertinente à aula. As atitudes do professor que o aluno mais gosta é o companheirismo e a atenção com o aluno. Principalmente quando o professor explica bem o assunto e debate em sala de aula. O aluno pode contribuir na aula de LP debatendo e exemplificando o assunto em sala de aula. O aluno estuda fora da escola, mais nem todos buscam melhor tempo, ou melhor, tempo suficiente para buscar suficiente. O tempo fora da escola eles costumam fazer várias coisas. Todos eles pretendem fazer vestibular isso é muito bom, mostra o quão estão preocupados com o futuro.

CONSIDERAÇÕES

Ao participarmos desta experiência muito enriquecedora e muito próxima da realidade das salas de aula das escolas públicas que o PIBID nos proporcionou, nos mostrou a realidade das salas de aula e nos mostrou que a educação a escolas públicas ainda tem como melhor. E um dos grandes passos foi dado, pois foi muito interessante ajudar a melhorar os instrumentos e métodos de ensino, e também perceber a necessidade e o interesse que os alunos ainda têm para aprender o novo e percebemos também um grande interesse da parte de alguns alunos e isso nos mostrou e nos empolgou ainda mais para contribuirmos e em breve vivenciar intensamente o dia a dia na sala de aula.

E ao conversarmos com os alunos durante a entrevista, eles nos apresentaram algumas dificuldades encontrada na escola em relação ao estado físico da escola, mas ao final confessaram que o mais preocupante mesmo é o descaso de alguns professores que não estão preocupados com ensino-aprendizagem dos alunos e o mais triste nos deixou é que os próprios alunos perceberam isso. Sabendo que os dados apresentado foi de modo geral da escola, ou seja, de todas as disciplinas. Tendo alguns pontos particulares para o ensino de língua portuguesa, que nos apresentaram que a grande dificuldade do ensino de língua portuguesa nesta escola são os instrumentos e os métodos de ensino. Mas

concluirmos que com a ajuda de alguns órgãos mudará a educação, e um passo bem interessante que estamos fazendo parte é o PIBID.

REFERENCIAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: Encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2006.

BRASÍLIA: MEC. Secretária de Educação básica, 2006.

MEC/SEC. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, (coleção Leituras no Brasil), 1996.